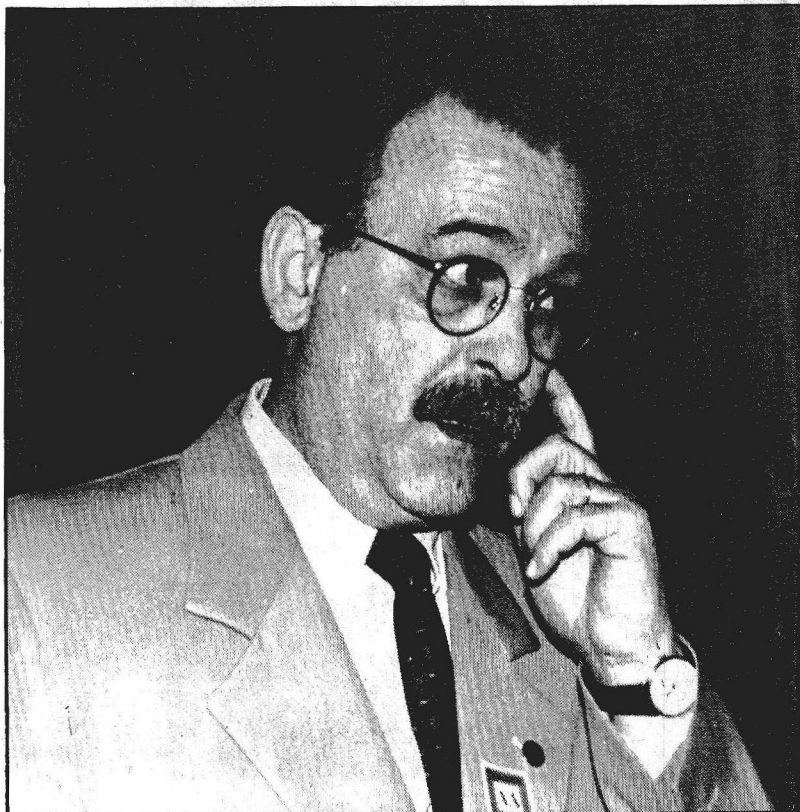


Mendonça admite desequilíbrio nas contas externas

Givaldo Barbosa

O primeiro ano do Plano Real fecha com um saldo positivo no combate à inflação, mas com uma situação "longe do confortável" nas contas externas, devido aos sucessivos déficits na balança comercial, admitiu o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros. Ele não arrisca nenhuma previsão sobre o resultado da balança comercial este ano, mas está realista. "Não sei de será negativo ou positivo", admite Mendonça de Barros, deixando claro, no entanto, a confiança de que ainda há tempo suficiente para reverter a tendência de déficits mensais, independente do resultado anual do comércio exterior. A sua única estimativa é com relação ao desempenho das exportações, que deverá superar a marca dos US\$ 44 bilhões.

A economia deverá fechar este ano com um crescimento de 6% do Produto Interno Bruto (PIB), podendo recuar para 5% de expansão no segundo ano do Plano Real. O comportamento da inflação também será semelhante. Este ano, o País acumulará uma inflação de cerca de 26%, com taxas mensais oscilando entre 1% e 2%, o que impediu, inclusive, que o Governo fosse mais ousado no programa de desindexação da economia. Para 1996, as estimativas oficiais são praticamente as mesmas, com uma diferença: o Governo deverá ser menos rigoroso na restrição ao crédito. "Não é intenção promover uma quebra-deira", garante Mendonça de Barros.



Mendonça de Barros: de olho nos déficits comerciais

A maior dificuldade, então, residiria no problema das contas externas. Mendonça de Barros admite que se enfrenta uma situação desconfortável no balanço de pagamentos, mas aposta que o País viverá "momentos de maior tranquilidade", na medida em que o Governo encontrará meios para financiar o balanço de pagamentos. "Tenho a convicção de que o saldo comercial vai melhor", disse ele. Além disso, lembra que o mercado internacional está mais favorável ao

Brasil, já que o País conseguiu um bom desempenho na colocação dos títulos do Tesouro no Japão e na Alemanha. "O financiamento do balanço de pagamentos será relativamente tranquilo em 95", acredita.

Exportações — Mendonça de Barros aposta, em alguns fatores que, na sua avaliação, influenciarão na reversão do déficit comercial. As exportações vão crescer e manter os recordes mensais observados

até agora, ao mesmo tempo em que haverá uma natural retratação das importações, porque o nível da atividade interna será menor no segundo semestre. Assim, a estratégia de recuperação das contas externas do País tem como pano de fundo a desaceleração da economia. A previsão de um crescimento econômico conserva, agora, uma meta mais modesta: os 10% de crescimento no primeiro trimestre vão ceder lugar a um resultado anual de cerca de 6%, na avaliação do secretário.

Esta previsão reforça a tese de que como a economia estará correndo a um ritmo menos acelerado, os tetos mensais das importações cairão naturalmente. A este dado se soma o fato de que as empresas estarão com estoque suficiente, inclusive de produtos importados, sem uma demanda aquecida internamente. Um exemplo é o caso das montadoras, que já encontram dificuldades para vender os milhares de carros que importaram.

Mendonça de Barros pondera, ainda, que "o importante" é a trajetória das contas externas no último trimestre. "O mercado olha para isto, se melhora ou não". Ele reconhece, inclusive, que a fragilidade é maior ainda no segundo semestre, quando tradicionalmente o volume de importações é sempre maior. Este fato, no entanto, não invalida, segundo ele, a previsão de que o "nível dos estoques terá um papel chave" no desfecho das contas externas.